

CONTABILIDADE DO SURFE

SURF ACCOUNTING

Juliana Ventura Amaral¹

RESUMO

Este estudo teve o objetivo de analisar a viabilidade de replicar o modelo “viagem de local único” (*travel cost method* – TCM) para identificar os impactos econômicos do surfe no Brasil e, a partir daí, lançar no Brasil uma linha de pesquisa voltada a esse tema, que será denominada contabilidade do surfe (*surf accounting*). Foi replicado em estudo piloto o questionário aplicado por Mills e Cummins (2013) em Itacaré, cidade baiana conhecida pela prática do surfe. Observou-se que no geral, é possível replicar o questionário, mas ajustes esclarecedores devem ser realizados, bem como incluída a análise referente a condição nativa ou não do respondente e adicionadas questões relativas a fatores que podem se relacionar às respostas obtidas. Sugere-se que futuros estudos implantem as melhorias apontadas, apliquem o questionário para identificar os impactos econômicos do surfe e adentrar naqueles custos mais expressivos com possibilidades de gestão estratégica pelos participantes.

Palavras-chave: Custos, Surfe, Praia.

ABSTRACT

This study aimed at analyzing the feasibility of replicating the travel cost method (TCM) model to identify economic impacts of surfing in Brazil and, therefore, start a stream of research focused on this topic in Brazil, which will be called “surf accounting”. The questionnaire applied by Mills and Cummins (2013) was re-attended in a pilot study in Itacaré, a city in Bahia known for surfing. We observed that, in general, it is possible to replicate the questionnaire, but clarifying adjustments must be made, as well, analysis regarding the respondents’ native or non-native condition and questions related to factors related to the responses obtained must be added. We suggest that future studies implement the identified improvements, apply the questionnaire to identify economic impacts of surfing and analyze the more expressive costs searching for possibilities for strategic management by participants.

Keywords: Costs, Surfing, Beach.

1- Doutora em Ciências (Controladoria e Contabilidade) pela FEA/USP. Pesquisadora do núcleo de docentes permanentes do Mestrado Profissional em Controladoria e Finanças da FIPECAFI. E-mail: juliana.amaral@fipecafi.org

1 INTRODUÇÃO

As praias, assim como a maioria dos ambientes naturais, oferecem variadas oportunidades de atividades recreativas. Algumas praias podem ser mais adequadas para alguns usos do que outros. Por exemplo, uma praia pode ser mais apropriada para o surfe, enquanto outra pode ser melhor para a natação. Na maioria dos casos, as praias terão uma mistura de indivíduos empreendendo uma série de atividades (por exemplo, surfar, nadar, correr etc.), e o valor dessas diferentes atividades irá variar para os diferentes participantes (PASCOE, 2019).

No que se refere especificamente ao surfe, as pesquisas são conduzidas por vários motivos. Os pesquisadores podem simplesmente estar interessados em compreender o ambiente de surfe, podem buscar elementos para proteger uma área local de surfe ou para gerenciar um problema social em torno do surfe, podem estar procurando melhorar aspectos do surfe de alguma forma entre outros objetivos (SCARFE; HEALY; RENNIE, 2009).

Os processos físicos em torno das ondas de surfe são os tópicos mais pesquisados em estudos sobre surfe. Modelagem física e numérica de ondas também tem aparecido com frequência na literatura, incluindo análises de quebras de surfe existentes. O que está faltando é literatura específica sobre gestão, economia e questões socioculturais do surfe (SCARFE; HEALY; RENNIE, 2009).

O surfe é frequentemente desvalorizado apesar da popularidade e da influência cultural ao redor do mundo. Isso pode ocorrer, em parte, porque pouco se discute sobre os benefícios do esporte, sobretudo aqueles trazidos à economia. Existem relativamente poucos estudos que abordam os valores econômicos do surfe, merecendo destaque Markrich (1988), Oram e Valverde (1994), Chapman e Hanneman (2000) Dolnicar e Fluker (2003) e Nelsen (2012) (NELSEN; CUMMINS; TAGHOLM, 2013).

Para estimar o impacto econômico do surfe, costuma-se aplicar o método de custo de viagem de local único (*travel cost method* – TCM). Os valores são estimados pela observação do comportamento dos usuários (NELSEN, 2012). Estudos dessa natureza já foram realizados em variadas partes do mundo, como Estados Unidos (NELSEN, 2012) e Reino Unido (MILLS; CUMMINS, 2015), mas não se localizou no Brasil.

Ora, o Brasil é uma das três grandes potências no esporte e já garantiu três títulos mundiais, dois com Gabriel Medina, em 2014 e 2018, e um com Adriano de Souza, o Mineirinho, em 2015. O País também tem o atual campeão mundial pro-júnior (sub18): Mateus HerdyOra. (COB, 2021). Além disso, nas Olimpíadas de Tóquio 2020, realizadas em 2021, houve a estreia do surfe como esporte olímpico e o primeiro campeão da história é Ítalo Ferreira, um brasileiro (CASTRO, 2021).

Nesse sentido, este estudo teve o objetivo de analisar a viabilidade de replicar o modelo TCM para identificar os impactos econômicos do surfe no Brasil e, a partir daí, lançar no Brasil uma linha de pesquisa voltada a esse tema. De modo específico, após analisada a viabilidade de aplicação desse modelo, pretende-se aprofundar os estudos na temática e implantar uma linha não localizada ainda em estudos prévios, a que será denominada contabilidade do surfe (*surf accounting*).

Destarte, este artigo, que configura o primeiro estudo da série do tema busca responder a seguinte questão: “Qual é a viabilidade de replicar o modelo TCM para identificar os impactos econômicos do surfe no Brasil?”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Surfe

A prática de surfe é bem antiga. Relatos trazem que o esporte surgiu de 2.000 a 3.000 RAGC, v.10, n.45, p. 1-10 /2022

anos atrás, com os polinésios, povo navegador que colonizou a maior parte das ilhas do Pacífico, inclusive o Havai. É nesse arquipélago que existe o primeiro registro oficial do esporte, com o explorador inglês James Cook relatando surfistas na ilha em 1778. Mas há outros relatos que sugerem que o surfe surgiu na América do Sul. No Peru, pescadores usavam uma espécie de canoa, feita de junco, que facilitava o retorno à terra firme, usando as ondas. Estima-se que este tipo de embarcação, chamadas Cabalitto de Totorá, tenham de 2.000 a 3.000 anos de existência (COB, 2021).

No que se refere ao surfe moderno, por volta de 400 d.C., foi introduzida no Havai uma prancha na forma de barriga em pequenos pedaços de madeira. Mais tarde, os taitianos trouxeram sua tradição de surfar nas ondas com canoas. Os havaianos fundiram as duas técnicas para criar o esporte do surf. Os povos antigos associavam o surf à vida religiosa. Aqueles que nasceram em uma alta posição social se engajaram em cerimônias sagradas ao fazer planos para participar do surfe. Era costume selecionar uma árvore, cortar e moldar em uma prancha de surf, fazer uma oferenda de kumu (peixe) nativo na base da árvore. Árvores de fruta-pão e koa eram as mais comumente usadas para criar pranchas de surfe, que estavam entre os bens valiosos dos ali'i (chefes) (HAWAII.COM, 2021).

O surfe se popularizou nos Estados Unidos no início dos anos 1900, sobretudo pelos surfistas havaianos Duke Kahanamoku e George Freeth. Na década de 1930, pequenas comunidades de surfe se desenvolveram em estados norte-americanos, sobretudo no sul da Califórnia e em Santa Cruz (NELSEN; PENDLETON; VAUGHN, 2007; NELSEN; CUMMINS; TAGHOLM, 2013).

Durante as décadas de 1950 e 1960, o surfe aumentou rapidamente em popularidade nos Estados Unidos e ao redor do mundo. No Brasil, a primeira prancha construída foi no final da década de 1930, em Santos, tomando como referência o exemplar da revista Popular Mechanics, para criar um modelo de madeira semelhante à tábua havaiana, com um peso aproximado de 80 quilos (COB, 2021). Entretanto, durante esse período, a subcultura do surfe era de modo estereótipo caracterizada como sendo de um grupo marginal que não tinha contribuições valiosas para a sociedade. Na realidade, o surf ainda é frequente considerado “entre os usos de praia de baixo status social” (JOHNSON; ORBACH, 1986; YOUNG, 1994; NELSEN; PENDLETON; VAUGHN, 2007; NELSEN; CUMMINS; TAGHOLM, 2013).

A mídia de massa muitas vezes perpetua um estereótipo de surfista como um jovem, desempregado, sem educação e à margem da sociedade, em contraste com outros esportes aquáticos como vela, por exemplo, onde o Royal Yachting Association (RYA) tem uma posição poderosa e bem respeitada sobre proteger e promover os interesses e preocupações de seus membros (NELSEN; CUMMINS; TAGHOLM, 2013). Pesquisas da Surfrider Foundation, todavia, refutam esse estereótipo e mostram que os surfistas têm na faixa dos 30 anos, bem-educados e com altos gastos (BEACH, 2012).

Em todo o mundo, a importância do surfe é constantemente subestimada (NELSEN; CUMMINS; TAGHOLM, 2013). Contudo, a popularização do esporte surfe continua crescendo rapidamente, o número de surfistas em todo o mundo, por exemplo, aumentou de 26 milhões para 35 milhões entre 2001 e 2011. Crescente demanda para ondas significa que a superlotação vai piorar a menos que mais ondas sejam encontradas. “Surfar não é como golfe”, explica Pete Jones, magnata do surf e ex-campeão europeu. “Você pode construir mais campos de golfe, mas não pode fazer mais ondas.” (BEACH, 2012).

Ademais, há muitos locais nos quais as ondas de surf estão atualmente sob a ameaça. As quebras de surf são o resultado de interações complexas da estrutura da linha costeira, condições do fundo e energia das ondas. Muitas outras ondas de surfe já foram destruídas pelo desenvolvimento. Existem iniciativas, como as do Surfers Against Sewage (SAS) e do Waves Are Resources (WAR) Report e petição Protect Our Waves (POW) pedindo legislação

específica para melhor proteger as ondas de surfe, especificamente no Reino Unido (NELSEN; CUMMINS; TAGHOLM, 2013).

Internacionalmente, a Surfrider Foundation interrompeu com sucesso uma proposta de rodovia com pedágio de seis pistas que teria destruído um popular parque estadual e degradaria uma área mundialmente famosa de surfe chamada Trestles. O projeto teve a oposição de milhares de usuários de água, apoiados por um relatório econômico do surfe (NELSEN; CUMMINS; TAGHOLM, 2013).

Até é possível melhorar o abastecimento de ondas. Os truques incluem a construção de recifes artificiais para criar ondas seminaturais ou mesmo usando máquinas de ondas em piscinas. Mas a melhor solução é encontrar mais locais com boas ondas naturais. Esta é uma razão pela qual o inverno é bom para os surfistas, já que nele venta e o vento cria ondas. Ademais, os surfistas odeiam multidões e precisam de mais ondas. Para surfistas, o frio é um benefício: afasta as multidões que assolam as praias populares no verão (BEACH, 2012).

Os surfistas são substancialmente diferentes da população geral que vai à praia. Os surfistas são mais intensos do que os frequentadores de praia típicos e costumam ir à praia em horários diferentes dos frequentadores regulares da praia, normalmente no início da manhã e à noite, porque estes são momentos em que as condições costumam ser as melhores. Em contraste, os frequentadores da praia tendem a visitar a praia no meio do dia (NELSEN; CUMMINS; TAGHOLM, 2013).

Outro ponto que merece destaque é que os frequentadores da praia são influenciados pelo acesso, conveniências e beleza e, portanto, têm muitas opções para seus destinos de praia. Em contraste, os surfistas são extremamente rigorosos em suas escolhas de praia com base em várias condições oceanográficas, meteorológicas e sociais (NELSEN; CUMMINS; TAGHOLM, 2013).

Os surfistas usam previsões sofisticadas para garantir que estão no lugar certo na hora certa (BEACH, 2012). Eles buscam locais nos quais as ondas tenham um ponto de quebra que “se espalha” ao longo da crista da onda. Os quatro parâmetros de onda mais importantes para selecionar os locais são a altura da quebra da onda (*breaking wave height* – H_B), o ângulo de casca da onda (*wave peel angle* – α), a intensidade de quebra de onda (*wave breaking intensity* – B_1) e o comprimento da seção de onda (*wave section length* – S_L). Outros parâmetros também existem, mas derivados desses quatro (SCARFE et al., 2003).

O surfe é particularmente sensível ao meio ambiente mudanças que podem resultar do desenvolvimento ou poluição costeira. As quebras de surf são resultado de interações complexas da costa estrutura, condições do fundo e energia das ondas. Pequenas perturbações no local podem mudar a qualidade das quebras de surfe e afastar os surfistas (NELSEN; PENDLETON; VAUGHN, 2007). Muitas vezes o desenvolvimento de regiões costeiras acaba mudando as condições e pode prejudicar a prática do surfe.

2.2 Economia do surfe

A avaliação econômica fornece uma ferramenta importante para estimar valores associados ao surfe para que compensações econômicas explícitas possam ser consideradas quando o desenvolvimento costeiro pode impactá-lo. A estimativa econômica fornece aos tomadores de decisão uma métrica (valores econômicos) para comparar alternativas. Sem ela, os tomadores de decisão ficam comparando o valor de mercado do desenvolvimento costeiro com um valor moral vago associado à recreação costeira e correm o risco de perturbar o equilíbrio entre a proteção ambiental, recreação costeira e desenvolvimento econômico (NELSEN, 2012).

Quando bens e serviços são comercializados, o mercado define seus valores. Já para bens não comercializáveis, a mensuração é mais difícil, mas envolve a identificação dos

impactos econômicos e não econômicos dos consumidores e o excedente dos produtores. Focando no impacto econômico, cabe destacar os dois lados: os custos e as “receitas” (benefícios). Os custos compreendem o dinheiro consumido localmente em alimentos, bebidas, estacionamento e atividades de recreação costeira. Representam valores que poderiam ter sido gastos em qualquer outro lugar e que não existiriam na ausência de um ambiente propício ao surfe. As receitas, por sua vez, referem-se ao benefício, ao excedente do consumidor associado ao uso do recurso (NELSEN, 2012).

No que se refere especificamente aos custos, Nelsen (2012) propõe a aplicação do método de custo de viagem (*travel cost method* – TCM) para sua identificação. Esse método parte da premissa de que os visitantes revelam sua disposição de pagamento na visita em um local. Ele foi sugerido pela primeira vez no final dos anos 1940 por Harold Hotelling como meio de valorizar terras públicas. Desde então, o TCM tornou-se um método popular para estimar valores não comerciais para recreação.

2.3 Custos do surfe

Para aplicar o TCM, é preciso identificar os custos que os surfistas incorrem. Strokes (2018) frisa que, como a maioria dos hobbies, o surfe tem custos iniciais típicos. Imprescindíveis são, obviamente, uma prancha de surfe e uma roupa apropriado, caso se deseje surfar em águas frias. Há também outros fatores a serem considerados, como aulas e equipamentos adicionais. Uma prancha de surfe para iniciantes pode custar entre R\$ 700 e R\$ 2.000 ou mais. Não há necessidade de adquirir uma prancha de surfe profissional ou de marca no início, sendo possível mudar para um equipamento mais caro à medida que for evoluindo.

Quando se trata de pranchas de surfe, pranchas maiores são sempre melhores. Se o praticante tem um metro e setenta, deve-se buscar uma prancha de surfe de 2,5 metros, mas de preferência uma com cerca de 9 pés e seis polegadas. Quanto maior, melhor quando se trata de surfar as ondas (STROKES, 2018). Normalmente, não se tem somente uma, mas sim um quiver de pranchas. Ter um quiver de 3 a 5 pranchas, por exemplo, deixa o surfista apto para competir. Isso sem contar que a vida útil de uma prancha para aqueles que competem, não passa de 5 meses (GLOBOESPORTE.COM, 2019).

Depois de selecionar a prancha de surfe, é importante escolher uma roupa de neoprene. A maioria das roupas custa entre R\$ 200 e R\$ 600 ou mais. O ideal é conversar com os surfistas da sua região para descobrir que tipo de roupa de neoprene é necessária. Dependendo da temperatura do local, pode ser que nem seja necessária. Em vez disso, é possível usar vários protetores de pele ou trajes de banho no início. Mas se o planejado é surfar em água fria, deve-se estar o mais aquecido possível. Uma boa roupa de neoprene permite que ficar na água o maior tempo possível sem congelar (STROKES, 2018).

A média de aulas de surfe custa entre R\$ 100 dependendo da popularidade das aulas e de onde se mora. Embora existam lojas de surf que oferecem aulas gratuitas, faz parte da promoção fazer com que sejam comprados equipamentos. A aula de surfe geralmente dura entre uma a duas horas. Pode ser necessário trazer a própria prancha de surfe e roupa de neoprene para a aula. Também há casos em que o preço pode incluir o aluguel da prancha de surfe e da roupa de neoprene, mas esses pacotes costumam custar centenas de dólares (STROKES, 2018).

Há também as inscrições em eventos, que podem começar em R\$ 50, mas aumentarem de acordo com a competição. Os surfistas que competem fora da sua cidade ainda precisam arcar com a viagem (GLOBOESPORTE.COM, 2019).

3 MÉTODOS

Nesta pesquisa, fez-se um estudo piloto com a coleta de dados tal como no estudo de Mills e Cummins (2013) a fim de avaliar a viabilidade ou não de sua replicação. Para tanto, selecionou-se um local com vasta gama de surfistas: a cidade de Itacaré, localizada ao sul do estado da Bahia.

Itacaré foi considerada uma cidade pacata e isolada, de difícil acesso cuja renda era oriunda apenas da agricultura do cacau. Em 1993, o Governo Estadual criou uma área de proteção ambiental (APA), estimulando o desenvolvimento do ecoturismo em Itacaré, mas foi a partir de 1998 que a cidade teve um grande crescimento turístico com a construção da estrada Parque da Serra Ilhéus - Itacaré, uma vez que a mesma facilitou o acesso à cidade. Outra construção importante para a região foi a da ponte sobre o Rio de Contas através da rodovia Ba-001, facilitando também o acesso a Itacaré de quem vem da região norte do Brasil (TURISMOITACARE, 2021).

No Brasil, Itacaré é uma cidade frequentemente escolhida pelos surfistas. A cidade recebe boas ondas praticamente durante o ano todo e em qualquer época do ano podem entrar grandes *swells*. Além disso, as águas de Itacaré estão sempre em uma temperatura que oscila dos 23 a 30°C. Apesar de Itacaré atender os surfistas o ano inteiro, é no inverno que geralmente se formam as maiores ondas, que variam de 1 a 3 metros de altura. Já no verão, normalmente ondas pequenas se formam no mar, mas alguns *swells* característicos do inverno podem aparecer nas praias de Itacaré. No outono, as características são semelhantes ao inverno, com ondas pequenas e médias. Há normalmente *swells* no início de cada estação (ITACARÉ PARADISE).

Para acessar a potenciais participantes da pesquisa, isto é, surfistas de Itacaré, nesta e nas próximas fases da pesquisa, criou-se um perfil na rede social Instagram. Foram identificados praticantes do esporte nessa cidade e começou-se a “segui-los”. Foi também enviada mensagem pelo aplicativo (*Direct Messenger*) convidando a participação no projeto. Para essa primeira etapa, foram selecionados somente três participantes, uma vez que o objetivo é apenas identificar a viabilidade ou não de replicar o modelo.

3.1 Questionário

O questionário aplicado nesta pesquisa refere-se basicamente ao questionário aplicado no estudo de Mills e Cummins (2013), com ínfimas modificações, tal como sequência de questões e harmonização nas alternativas oferecidas. A Tabela 1 apresenta analiticamente as questões colocadas.

Tabela 1 – Quetsionário da pesquisa

Sequência	Questão
16	Quanto você gasta por ano em hotéis e acomodações para surfar em outros locais?
17	Quanto você gasta em viagens de surf ao exterior por ano?
18	Com que frequência você substitui ou compra uma roupa de neoprene?
19	Qual é o seu gasto aproximado com cada roupa de neoprene?
20	Onde você compra suas roupas de neoprene?
21	Com que frequência você substitui ou compra uma prancha de surfe?
22	Qual é o seu gasto aproximado com cada prancha de surf?
23	Onde você compra suas pranchas de surf?
24	Qual é o seu gasto aproximado com roupas de surf?
25	Onde você compra suas roupas de surf?
26	Qual é o seu gasto aproximado com acessórios de surf? (Cera, deck, capa de prancha, guia, barbatanas, bagageiros e tiras, pente de cera etc.)?
27	Onde você compra seus acessórios de surf?
28	Qual é o seu gasto aproximado com materiais de surf? (Revistas de surf, DVDs, livros, adesivos, pôsteres etc.)
29	Onde você compra seus materiais de surf?

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A Tabela 2 evidencia as respostas obtidas para as questões propostas.

Tabela 2 – Respostas à pesquisa				
Sequência	Questão	R1	R2	R3
1	Tipo de surf que você mais costuma praticar:	Short board (em pé)	Short board (em pé)	Standup Paddle (SUP) Pratico apenas um tipo de surf (assinalado na questão anterior)
2	Segundo tipo de surf que você costuma praticar:	Short board (em pé)	Standup Paddle (SUP)	
3	Dos 100% do tempo que você passa surfando, que porcentagem do tempo é gasto praticando sua disciplina de surf mais comum?	0,7	2h	100
4	Dos 100% do tempo que você passa surfando, que porcentagem do tempo é gasto praticando sua disciplina secundária de surf?	70 por cento	30min	0,9
5	Qual é sua praia preferida para surfar? Colocar todos dados (por exemplo: Tiririca, Itacaré, BA)	Pontal, Itacaré/BA	Engenhoca, Itacaré/BA	Pontal, Itacaré/BA
6	Qual é a sua idade	17	38	45
7	Qual é o seu sexo?	Masculino	Masculino	Masculino
8	Qual é o seu nível mais alto de educação concluído?	3 anos	Terceiro grau completo	Superior
9	Qual é a sua profissão?	Gesseiro	Publicitário	Empresário
10	Qual é o seu Instagram?	Confidencial	Confidencial	Confidencial
11	Quantas vezes você surfa em média por mês no seu local favorito?	24	10	20 vezes
12	Quais são as distâncias totais (km) que você percorre para surfar na sua praia favorita? Estime a distância total na ida até a praia e de volta para casa.	De 1 a 2 km	De 1 a 2 km	De 5 a 15 km
13	Como você vai para o seu surf normalmente	Caminhando/ pedalando	Dirigindo por conta própria (carro)	Caminhando/ pedalando
14	Quanto você gasta com estacionamento, por dia de surf, nos seus intervalos regulares? Caso não gaste com estacionamento, marcar zero.	Zero	0	0
15	Quanto, em média, você gasta em cada dia de surf com refrescos, bebidas e lanches em cafés / bares locais?	20	5	10
16	Quanto você gasta por ano em hotéis e acomodações para surfar em outros locais?	0	1000	1000
17	Quanto você gasta em viagens de surf ao exterior por ano?	0	0	0
18	Com que frequência você substitui ou compra uma roupa de neoprene?	Duas ou mais vezes por ano	Depois de dois anos	Depois de dois anos
19	Qual é o seu gasto aproximado com cada roupa de neoprene?	1000	0	300

Continua...

...continuação				
20	Onde você compra suas roupas de neoprene?	Localmente (Itacaré)	Não usa neoprene em Itacaré	Brasil (loja física)
21	Com que frequência você substitui ou compra uma prancha de surfe?	Duas ou mais vezes por ano	Anualmente	A cada dois anos
22	Qual é o seu gasto aproximado com cada prancha de surf?	510	1000	2000
23	Onde você compra suas pranchas de surf?	Localmente (Itacaré)	Pela Internet (Brasil)	Localmente (Itacaré)
24	Qual é o seu gasto aproximado com roupas de surf?	Florida	500	300
25	Onde você compra suas roupas de surf?	Localmente (Itacaré)	Localmente (Itacaré)	Brasil (loja física)
26	Qual é o seu gasto aproximado com acessórios de surf? (Cera, deck, capa de prancha, guia, barbatanas, bagageiros e tiras, pente de cera etc.)?	Deck	100	100
27	Onde você compra seus acessórios de surf?	Localmente (Itacaré)	Localmente (Itacaré)	Brasil (loja física)
28	Qual é o seu gasto aproximado com materiais de surf? (Revistas de surf, DVDs, livros, adesivos, pôsteres etc.)	Adesivos	0	100
29	Onde você compra seus materiais de surf?	Localmente (Itacaré)	Localmente (Itacaré)	Pela Internet (Brasil)

É possível observar que a replicação do modelo é viável, todavia, esclarecimentos adicionais devem ser implantados, uma vez que se nota que o respondente 1 não compreendeu que era para evidenciar os custos que tinha com acessórios e materiais e não somente mencionar quais desses itens faz uso.

Outro ponto que merece ser avaliado na versão a ser aplicada refere-se ao tratamento segregado entre moradores nativos, moradores locais, oriundos de outros estados e até mesmo de outros países e visitantes. Pelas respostas obtidas neste piloto, já foi possível constatar comportamentos bastante diferente entre nativos e não nativos, ponto que pode não ser relevante em outros países, mas que no Brasil merece ser avaliado.

Ora, no Brasil, especificamente em Itacaré, a maior parte dos surfistas mora no local e, tal como Nelsen (2012) explica, a premissa do TCM é que a distância que um visitante deve percorrer determina o número de visitas feitas a um local. Os visitantes que vivem em distâncias longas do local do surfe incorrem em custos de viagem para visitar a praia. Logo, os visitantes que moram longe e pagam despesas de viagem mais altas visitam com menos frequência. Já os visitantes que moram mais perto, incorrem em custos de viagem mais baixos visitam com mais frequência. Ao comparar os custos de viagem e o número de viagens, uma demanda em declínio é revelada. Afinal, seguindo a teoria econômica pode-se dizer que, *ceteris paribus*, se os custos são mais altos, os surfistas fazem menos viagens e vice-versa.

Finalmente, observou que, sobretudo nativos, mas também os moradores de Itacaré advindos de outros locais adquirem a maior parte de seus materiais na própria cidade de Itacaré. Essa revelação oportuniza a demonstração da relevância do surfe para a cidade, uma vez que, além de atrair visitantes e moradores fixos, estimula o comércio local de artigos para o surfe. Resta saber se surfistas de outros locais também fazem aquisição de produtos de Itacaré.

O padrão de custos é bastante diferente entre os praticantes, merecendo incluir variáveis que permitam analisar as relações entre variáveis que afetam os padrões de gastos, além das já incluídas referentes a idade, sexo e profissão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho refere-se a um primeiro trabalho de uma série de estudos que será desenvolvida para desbravar a contabilidade do surfe (*surf accounting*). Discutiu-se a relevância do surfe e a ainda relativa escassez de pesquisas sobre a economia, gestão e custos do surfe. No contexto brasileiro, especificamente, não foram localizados estudos nessa temática.

Para realizar esta pesquisa foi replicado em Itacaré um questionário aplicado no Reino Unido por Mills e Cummins (2013) com a finalidade de verificar se em estudos mais abrangentes para avaliar os impactos econômicos do surfe, sua replicação integral é ou não viável.

Constatou-se que no geral, é possível replicar o questionário, mas ajustes esclarecedores devem ser realizados, bem como incluída a análise referente a condição nativa ou não do respondente. A inclusão de questões relativas a fatores que podem se relacionar às respostas obtidas é outro acréscimo que merece ser avaliado.

Este trabalho possui a limitação de um número limitado de respondentes, uma vez que o objetivo era o teste piloto do questionário, não cabendo, portanto, generalizações. Sugere-se que futuros estudos implantem as melhorias apontadas por este estudo piloto e façam sua aplicação num escopo maior de participantes. Com a aplicação efetiva do questionário será possível identificar os impactos econômicos do surfe adentrando naqueles custos mais expressivos, indicando possibilidades de gestão estratégica pelos participantes.

REFERÊNCIAS

BEACH rush; surf economics. **The Economist**, vol. 402, n. 8776, 17 Mar. 2012, p. 71(US). Disponível em: <link.gale.com/apps/doc/A283074411/AONE?u=capes&sid=bookmark-AONE&xid=7531ac7a>. Acesso em 21 ago. 2021.

CASTRO, L. F. Surfista Ítalo Ferreira conquista o 1º ouro do Brasil nos Jogos de Tóquio. **Veja**, 27 jul. 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/esporte/e-campeao-surfista-italo-ferreira-conquista-o-1o-ouro-do-brasil-em-toquio/>> Acesso em 15 ago. 2021.

CHAPMAN, D. J.; HANNEMAN, W. M. **Environmental damages in court: the American trader case**. Department of Agricultural & Resource Economics, UCB - CUDARE Working Papers (University of California, Berkeley), Paper 913, 2000.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO – COB. **Surfe**. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/esportes/surfe/>>. Acesso em 22 ago. 2021.

DOLNICAR, S.; FLUKER, M. Behavioural market segments among surf tourists: investigating past destination choice. **Journal of Sport Tourism**, vol. 8, n. 3, p. 186-196, 2003.

GLOBOESPORTE.COM. Pranchas, limitações físicas e preconceito: quanto custa ser um surfista profissional em Alagoas. 28 ago. 2019. Disponível em: <<https://ge.globo.com/al/noticia/pranchas-limitacoes-fisicas-e-preconceito-quanto-custa-ser-um-surfista-profissional-em-alagoas.ghtml>>. Acesso em 22 ago. 2021.

HAWAII.COM. **A guide to surfing in Hawaii**. Disponível em: <<https://www.hawaii.com/water-activities/surfing/>>. Acesso em 22 ago. 2021.

ITACARÉ PARADISE. Surf em Itacaré: Conheça as melhores praias. 10 set. 2013. Disponível em: < <https://www.itacareparadise.com.br/surf-em-itacare-conheca-as-melhores-praias>> Acesso em 22 ago. 2021.

MARKRICH, M. Economic effects of surfing activities in Hawaii. UH Sea Grant College Program, 1988.

MILLS, B.; CUMMINS, A. An estimation of the economic impact of surfing in the United Kingdom. **Tourism in Marine Environments**, vol. 11, p. 1-17, 2015.

MILLS, B.; CUMMINS, A. The economic impact of domestic surfing on the United Kingdom. Surfers Against Sewage Working Paper. Out. 2013. Disponível em: < <https://www.sas.org.uk/wp-content/uploads/SAS-Economic-Impact-of-domestic-surfing-on-the-UK-med-2.pdf>>. Acesso em 14 ago. 2021.

NELSEN, C. N. **Collecting and using economic information to guide the management of coastal recreational resources in California**. Los Angeles, California, USA: University of California, Los Angeles, D.Env. Thesis, 2012.

NELSEN, C.; CUMMINS, A.; TAGHOLM, H., Paradise lost: threatened waves and the need for global surf protection. **Journal of Coastal Research**, Edição especial n. 65, p. 904-908, 2013.

NELSEN, C. N.; PENDLETON, L.; VAUGHN, R. Socioeconomics of Surfing at Trestles Beach. **Shore & Beach**, vol. 74, n. 4, p. 1-6, 2007.

ORAM, W.; VALVERDE, C. Legal protection of surf breaks: putting the brakes on destruction of surf. **Stanford Environmental Law Journal**, vol. 13, n. 2, p. 6-21, 1994.

PASCOE, S. Recreational beach use values with multiple activities. **Ecological Economics**, vol. 160, p. 137-144, 2019.

TURISMOITACARE. **História de Itacaré**. Disponível em: < <https://pt.turismoitacare.com/itacare/historia>>. Acesso em 22 ago. 2021.

SCARFE, B.E.; ELWANY, M.H.S.; MEAD, S.T.; BLACK, K.P. Science of Surfing Waves and Surfing Breaks A Review. In: Black, K.P.; Mead, S.T. (eds.) **Artificial Surfing Reefs 2003: The 3rd International Conference (Raglan, New Zealand), 2003**. Disponível em: < <https://escholarship.org/uc/item/6h72j1fz>>. Acesso em 22 ago. 2021.

SCARFE, B. E.; HEALY, T. R.; RENNIE, H. G. Research-based surfing literature for coastal management and the science of surfing—a review. **Journal of Coastal Research**, vol. 253, p. 539-557, 2009.

STOKES, V. The surfing lifestyle: how much does it really cost? **Teton Gravity Research**, 06 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.tetongravity.com/story/surf/the-surfing-lifestyle-how-much-does-it-really-cost>> Acesso em 22 ago. 2021.